

PHILOSOFREAK

A tentativa de encontrar algum nexos no caos parece motivar um tempo de expectativas decrescentes. Ao embaralhar as esferas íntimas com a complexidade social e política, o presente ignora coerências e faz despertar o seu reverso exato: sobrepõem-se a desorientação disfarçada de pluralismo nas intenções, bem como a fragmentação em detrimento da unidade, a diferença em lugar da identidade. Envolto em pessimismo, sentimentos comemorativos ou desolados dando conta do fim têm moldado o pensamento dos séculos XX e XXI: a morte das ideologias (Lyotard), do real (Baudrillard), da autoria (Barthes), do homem (Foucault), além do fim da história da arte (Danto e Belting) e até mesmo o – quase apocalíptico – fim do futuro (Berardi), para citar alguns.

O neologismo que nomeia a exposição PHILOSOFREAK parte de uma aparente antítese: um pensamento racional em contraposição com um estado de anormalidade e desarranjo. Aproxima-se uma geração de artistas gaúchos que vêm – há quase uma década – explorando a cultura contemporânea em discursos confessionais, confirmados ou desacreditados na experiência sensível atual. Alexandre Copês, João GG, Martin Heuser e Raquel Magalhães buscam no *ethos* cosmopolita sua linguagem: a desordem da hiperinformação – o elemento *freak* – permeando o conjunto de obras, com proposições artísticas estruturadas em reflexões – o *philosophical* – tateando certezas em ruínas.

Não se trata de um diagnóstico melodramático afirmando o declínio de tudo, mas de perceber que vivemos um regime de negações. Atuando como um ponto de partida – questionador e antecipatório –, a série *Deflagração* de Martin Heuser apresenta dezessete pinturas limítrofes do abstracionismo: aqui manifestam-se as primeiras ambiguidades que ditam o tom incerto e nebuloso da mostra. O conjunto de obras carrega íntima relação com o vídeo *A Pintura Não Está Morta Ainda* (2014), no qual o artista registra uma performance construída por explosões de carvão e pólvora em telas. *Deflagração* impõe uma abordagem violenta, trágica – ação irreparável contaminando o espaço expositivo.

Raquel Magalhães conjuga em imagens as reverberações de uma sociedade tecnofágica, encontrando dramas voláteis e desconexos nas linguagens contemporâneas. É o mesmo excesso que alimenta a trajetória de Alexandre Copês, apropriando-se de múltiplos suportes para esgarçar sua verborragia íntima e biográfica, espelho da complexidade pós-moderna. Por fim, a instalação de João GG igualmente tangencia uma postura positiva: como um monumento às falências simbólicas, a pluralidade das narrativas já nada diz e fracassa de antemão qualquer interpretação em verdades sólidas.

Atuando como sismógrafos de uma condição tão heterogênea quanto tumultuada, as obras expostas em PHILOSOFREAK reverberam a mentalidade fragmentária da geração pós-1980. Não há espaço para ilusões artificiais e luminosas de uma consciência histórica linear: ignorando o nexos e o caos, o futuro toca o presente carregado de falências.

Henrique Menezes